

Perfil

Depoimentos

Ministro Francisco Peçanha Martins **Vice-Presidente do Superior Tribunal de Justiça**

Cumprindo a praxe, recebi a visita, em meu gabinete, nos idos de 1996, do afamado Des. **Franciulli Netto**, ilustre magistrado do Colendo Tribunal de Justiça de São Paulo, candidato à vaga de Ministro do STJ. Vinha com as melhores recomendações de ministros paulistas.

Disse-me da sua pretensão de encerrar no Superior Tribunal de Justiça a carreira de magistrado iniciada nos idos de 1967, como juiz substituto, na 20ª Circunscrição Judiciária, sediada em Marília. Sempre promovido por merecimento, exerceu todos os cargos da magistratura paulista nas diversas instâncias, no Segundo Tribunal de Alçada Civil e, no Tribunal de Justiça, nomeado desembargador em agosto de 1983.

Conversamos longamente abordando a grave crise do Poder Judiciário. Assinalei os encargos excessivos e sempre crescentes que assumiria se nomeado.

Asseverou-me disposto a enfrentá-los. Assegurei-lhe o voto, tal a empatia que se estabelecera na conversa, reveladora de confluência de opiniões. O Tribunal, pelo seu Pleno, em sessão de 14.5.96, inseriu o seu nome em lista tríplice.

Não foi nomeado. Retornou aos seus afazeres honrosos de magistrado, professor de direito, conferencista e ensaísta.

Retornou, em 1999, à peregrinação na busca dos votos que lhe permitiria concretizar o ideal. A prosa agradável, a sólida cultura jurídica e humanista, a reputação firmada pela conduta reta e austera, o mérito consagrado por todos os que o conheciam, fizeram-no integrante de nova lista tríplice e, afinal, indicado pelo Presidente da República, sabatinado pelo Congresso Nacional, veio a ser nomeado Ministro do STJ por Decreto de 13.10.99.



Coletânea de Julgados e Momentos Jurídicos dos Magistrados no TFR e STJ

Neste Tribunal, tomou posse em 27.10.99, tendo exercício na Eg. 2ª Turma e na 1ª Seção, para minha sorte, pois tivemos a oportunidade de estreitarmos as relações de amizade, forjadas no convívio constante de servidores da causa da justiça.

Foi proveitoso julgar com **Franciulli Netto**. Empolgado pelo direito, via-o como um D'Artagnan, combatente intemorato na distribuição de justiça. Foi veemente defensor de idéias, verdadeiras teses jurídicas.

Os seus votos, escritos com esmero, revelavam o perfeito conhecedor da língua pátria, que versava com o conhecimento da origem romana dos vocábulos, impregnado no DNA italiano de seus ancestrais, dos quais era um legítimo sucessor, revelado no gosto pelo bel canto e pela culinária. Falava com entusiasmo nas macarronadas, nos *fusilis* e nos cabritos, degustados com um *Chianti*, nos restaurantes do Bixiga, onde algumas vezes estivemos juntos.

Ficamos amigos e tive a honra de vê-lo defendendo opiniões minhas, externadas em votos, artigos e palestras, com a veemência e o brilho que o caracterizavam. Assim fez com a tese da inconstitucionalidade da taxa selic, suscitando incidente perante a Corte Especial com um primoroso voto. De igual modo, acompanhou-me na tese da contagem do prazo da rescisória a partir da última decisão na causa, fornecendo-me valiosos subsídios doutrinários colhidos nas lições de Chiovenda.

A convivência com **Franciulli** era salutar, imperando a lealdade, a retidão e a austeridade. Veemente nas divergências jurídicas, defendia os seus pontos de vista com altivez, sem subterfúgios ou negaças.

Polemista, bom orador e articulista mordaz, combateu sempre na defesa do ideal cristão de bem servir.

Foi um cavalheiro andante do direito, sempre voltado para a realização do ideal de felicidade dos seus semelhantes, só alcançável pela prática do bem, dentro dos princípios morais, éticos e cristãos.

Deixou saudades nos que com ele conviveram, e discípulos nos que conheceram o seu pensamento expresso nos milhares de votos, artigos e conferências produzidos.

E se certo estiver, na fé que professou, estará passeando nos jardins do Éden, dialogando e discutindo com outros bem-aventurados.

Ministro Franciulli Netto

Ministra Eliana Calmon
Superior Tribunal de Justiça

FRANCIULLI NETTO, AINDA HOJE

Há sentimentos antigos, dentro de nós, que não perdem a sua força, que não se deixam aniquilar pelo tempo e pelos acontecimentos; estão apenas reclinados como em cadeiras invisíveis, numa obscura sala de espera. Por serem tão antigos, permitem-se ficar de olhos fechados, silenciosos e anônimos, tão inativos como se não existissem. Mas, de repente, acordam, levantam-se dos seus lugares, acendem as luzes, fazem-se tão vivos e presentes que não resistimos ao seu poder e docilmente nos submetemos às revisões da memória e à sua crítica.

(CECÍLIA MEIRELES)

Desde o momento em que fui convidada para escrever sobre o Ministro **Domingos Franciulli Netto** estou a recordar-me do poema de Cecília Meireles, aqui transcrito, porque ele retrata o exato sentimento que tive ao fazer parar a roda do tempo para me lembrar do colega e, mais que colega, do amigo que elegi nos poucos anos, cinco anos apenas, em que convivi com o notável magistrado que se foi, deixando um imenso vazio no Superior Tribunal de Justiça.

Não quero dar um testemunho do que foi o jurista, o ministro, o homem público. Quero retratar, em poucas palavras, o que representou o Ministro **Franciulli** para mim, sua colega de profissão.

Conheci **Franciulli Netto** quando, em São Paulo, agosto de 1999, acabando de ingressar como ministra na Corte, lançava uma publicação coletiva, comentando o Código Tributário Nacional.

O então Desembargador do Tribunal de Justiça de São Paulo, **Franciulli Netto**, foi-me apresentado por colegas desembargadores, os quais simpaticamente já faziam a campanha do ilustre apresentado para uma vaga iminente no Tribunal da Cidadania. Não foram poucos os elogios sobre os méritos de julgador e, quanto às qualidades pessoais, era considerado como um dos melhores magistrados da Corte Paulista.

Confesso que, no primeiro momento, não aceitei a candidatura do ilustre juiz como boa para a Corte. Achei-o um pouco velho e alquebrado e pensei na luta que travávamos no dia-a-dia com os milhares de feitos que chegavam ao Tribunal, parecendo-me razoável, sem leviandade, pensar que o velho julgador não teria forças para atacar o trabalho, que não é só intelectual, mas também



Coletânea de Julgados e Momentos Jurídicos dos Magistrados no TFR e STJ

braçal. Também pensei que, por mais refinados que fossem os valores do Desembargador **Franciulli**, possivelmente não atenderia a uma magistratura em ebulição, na busca por mudanças e oxigenação.

Quando da eleição dos nomes para a lista tríplice, não pude resistir ao currículo do candidato: retratado no papel estava um magistrado que atravessou a vida sendo juiz apenas, incursionando em período não muito longo no magistério. Era, pensei, candidato irrecusável.

Mesmo assim, ainda não convencida da minha escolha como sendo a melhor para a instituição, aguardei com ansiedade a sabatina no Senado, após a indicação do Desembargador **Franciulli**. Mais uma vez surpreendeu-me o sabatinado. Desenvolveu-se com maestria e invulgar independência perante o Parlamento. Discorreu sobre o futuro da magistratura com a desenvoltura de um jovem, descreveu para os senadores a trajetória de sua vida como um verdadeiro magistrado e deixou a todos convencidos de que o STJ passaria a ter um ministro de escol.

Designado para atuar na Segunda Turma, tornei-me colega próxima do novo Ministro e, a partir daí, não parei de me surpreender.

Nunca poderia pensar que um homem de sessenta e cinco anos tivesse tanta força e vontade para trabalhar. A sua vida pessoal se misturava com a vida profissional, porque **Franciulli Netto** era só magistrado, sem hora e sem limites. Não era para ele sacrifício ficar em Brasília nos finais de semana, nunca o vi se queixar de Brasília, do Tribunal, do excessivo volume de trabalho ou de qualquer colega. Era um homem realizado, como magistrado chegara ao ápice da carreira.

Profundo conhecedor da língua portuguesa, ensinou a todos nós da Segunda Turma o que não se deve dizer como, por exemplo, “recurso improvido”.

Em pouco tempo dominava a técnica do recurso especial e, o que era mais importante, a jurisprudência da Primeira Seção. Pelo conhecimento jurídico, pela coerência de pensamento e pela persuasão na argumentação, o velho fez-se jovem e um jovem experiente e letrado como um velho julgador.

Tinha o Ministro **Franciulli** como exemplo, amigo, conselheiro e, sobretudo, como colega confiável, que dizia a verdade nua e crua, sem rodeios ou medo de reprovação. Era muito bom tê-lo como juiz revisor dos meus votos, como guardião maior da jurisprudência e da coerência de opinião.

Mas a força encantadora do Ministro **Franciulli** não estava no seu conhecimento ou na sua experiência de velho julgador: estava na força moral

Ministro Franciulli Netto

com que enfrentava a todos, inclusive nos difíceis momentos em que a Corte precisou de um grito de guerra para traçar o seu caminho.

Era um guerreiro, brigão, turrão e, encantadoramente, humilde.

Reverendo esses sentimentos antigos, reclinados, como se adormecidos estivessem, recorro do meu medo em perdê-lo como colega quando a sua saúde deu o primeiro grito de alerta. Cheguei a dizer ao médico que o atendeu: “Doutor, eu não posso perder o meu colega, o Tribunal não pode prescindir do Ministro **Franciulli**”.

É interessante a vida: tudo passa, tudo fica, tudo deixa. O Ministro **Franciulli Netto** passou por nossas vidas e pelo Tribunal, a Segunda Turma já está recomposta com um novo ministro, os embates e debates da vida jurídica continuam tais e quais.

Mas, afinal, o que ficou do velho guerreiro, do magistrado de escol, que merece de seus colegas uma parada de reflexão para escrever sobre velhas lembranças de sua luminosa trajetória?

Fica não só o exemplo, mas a lição de vida, ensinada aos que quiseram aprender que a força de um magistrado está no seu querer, na sua inteligência e, sobretudo, na sua independência como homem, profissional e cidadão.

E foi por tudo isto que parei de fazer alguma coisa, voltei os meus pensamentos para o passado não tão distante e, de olhos fechados e silenciosamente, em revisão da memória, revivi as muitas lições que aprendi com o Ministro **Franciulli Netto** para, ao final, comprovar que tenho, agora, uma sensação de solidão.

Coletânea de Julgados e Momentos Jurídicos dos Magistrados no TFR e STJ

Ministro Castro Meira
Superior Tribunal de Justiça

O INESQUECÍVEL FRANCIULLI

Em dois de julho deste ano, para atender um convite do Instituto dos Advogados Previdenciários (IAPE), subseção do Vale do Tietê, presidido pelo advogado Carlos Roberto dos Santos Okamoto, estive na cidade de Auriflâma, no estado de São Paulo, para proferir palestra na IV Semana Jurídica. Ali fui recebido com muita fidalguia pelo Presidente da subseção do IAPE e pela jovem Juíza de Direito da Comarca, Dra. Maria Paula Branquinho Pini. O Fórum da Comarca surpreende pelas suas dimensões – proporcionalmente maiores do que as do Fórum de São José do Rio Preto, a maior cidade da região – e pela sua primorosa organização. A surpresa maior, entretanto, foi encontrar diversos amigos do Ministro **Franciulli Netto**. Ali encontrei as raízes de sua edificante e exemplar carreira. As pessoas mais velhas relataram, com reverência, sua chegada à cidade, já casado com D. Maria Tereza, a aquisição do primeiro carro e da casa que a família ocupou, enfim, pequenos pormenores de sua passagem pela cidade, há quase quarenta anos. Também falavam, com muito orgulho, de sua visita, quando já Ministro do STJ.

Como se fosse um filme, naquele momento, fiz um *flash back* de meu próprio relacionamento com o saudoso magistrado.

Era o segundo semestre de 2002. Uma vaga surgira no Superior Tribunal de Justiça, destinada ao terço dos juízes de Tribunais Regionais Federais. Resolvi disputá-la, depois de consultar meu colega de Tribunal mais antigo. Tomei o elevador da ala Ministros I, depois de localizar o andar onde se situava o gabinete do Ministro, com quem tinha audiência marcada, para seguir o ritual ditado pela tradição. Enquanto o elevador subia, meditava, um tanto inseguro, sobre o que poderia aguardar-me. Não conhecia Sua Excelência, oriundo do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo, que chegara ao STJ, pelo terço dos Desembargadores, portanto, sem qualquer ligação com o eixo Bahia-Sergipe-Pernambuco, onde tive minha experiência como magistrado. Também não conhecia o Ministro, relativamente novo no Tribunal, ao qual não costumava visitar, salvo para os encontros patrocinados pelo Conselho da Justiça Federal. Era grande a expectativa. Por isso, contrito, meditava e orava, pedindo ajuda ao Pai.

Cheguei ao gabinete. Fiz-me anunciar. Fui recebido por uma servidora atenciosa que, em pouco tempo, conduziu-me à sala do Ministro. Lá encontrei aquela figura que parecia saída de uma cena de ópera ou de um dos filmes do cinema italiano, com aquele jeito espontâneo, cabelos e bigodes cheios, voz

Ministro Franciulli Netto

troante. Tossia um pouco, aquela tosse própria dos fumantes, e sofria os efeitos do clima seco da Capital Federal, naquela época do ano, não aplacado pelo umidificador em funcionamento.

Começamos a conversar. Em poucos minutos, as formalidades desapareceram. Parecia que éramos amigos de longa data. Fui envolvido por um profundo sentimento de empatia. Tínhamos em comum muito mais do que pensava num primeiro momento.

Reencontrei-o casualmente, no Aeroporto de Brasília, quando me deslocava, mais uma vez, para Recife. **Franciulli** estava acompanhado de D. Maria Tereza, da filha, Dra. Ana Rita, Promotora de Justiça, e do seu netinho. Ao apresentar-me, fê-lo como “meu futuro colega”, revelando sua intenção de ajudar o então candidato. E fez isso realmente. Recomendou-me a seus amigos advogado Ovídio Sandoval e o então Desembargador Hélio Quaglia Barbosa, em uma ocasião. Compareceu à audiência com o Dr. Márcio Bastos, então Ministro da Justiça, logo que meu nome foi incluído na lista tríplice.

A Providência Divina brindou-me com duplo presente, ao atender minha aspiração de chegar ao Superior Tribunal de Justiça e ao designar-me para ocupar, ao lado do saudoso Ministro **Franciulli**, um dos assentos da Segunda Turma e da Primeira Seção. Nosso convívio não foi longo, pouco mais de dois anos. Mais do que o suficiente, entretanto, para aumentar em mim a admiração por sua figura marcante.

Ao modo dos profetas bíblicos, não tinha qualquer receio em defender suas idéias e suas convicções, sobretudo quando a discussão envolvia o comportamento ético. Fazia-o com veemência. Certa vez, perante a Corte reunida, chegou a ratificar as palavras candentes do então presidente da OAB, Dr. Rubens Approbato Machado, em artigo publicado na Folha de São Paulo, com algumas críticas que envolviam o próprio STJ.

Por outro lado, era também de uma doçura surpreendente. Ao perceber que alteara a voz além do limite, algumas vezes dele ouvi a explicação: “Não estou irritado. Meu jeito de falar é assim mesmo”.

Nos julgamentos, tinha um gosto especial quando o tema invocava conhecimentos matemáticos, como a discussão sobre os índices inflacionários ou a incidência da “taxa SELIC” que, em seu entender, padecia de fundamento legal, já que inspirada apenas em regras estabelecidas pelo Banco Central. Fez diversas palestras sobre o assunto, inclusive para o corpo jurídico e as autoridades do próprio BACEN. Recordo-me, também, da sua intransigência contra o excesso do Poder Executivo na emissão de Medidas Provisórias, considerando-as inválidas em matéria processual.

Coletânea de Julgados e Momentos Jurídicos dos Magistrados no TFR e STJ

Era um homem extremamente dedicado ao trabalho. Já doente, quando ainda hesitava em afastar-se para tratamento de saúde, aquela altura bastante precária, um argumento suscitado da tribuna por um advogado, levou-o a pedir vista em mesa. Veio o intervalo da sessão, ele permaneceu na sala de sessões, examinando meticulosamente os autos, fazendo anotações, para o voto que proferiria minutos após.

Uma especial qualidade de seus pronunciamentos é a elegância da frase e a correção vernacular. Certa vez, fiz uma observação sobre alguma palavra ou expressão, em conversa com ele. No dia seguinte, recebi envelope com uma pesquisa com material demonstrativo de sua tese. Esse fato repetiu-se mais de uma vez.

A história de sua vida foi admiravelmente sintetizada pelo advogado Ovídio Rocha Barros Sandoval, seu velho colega na magistratura paulista, na apresentação de “A Prestação Jurisdicional”, obra de Franciulli: *“Senhor de sua vocação, faz da Magistratura o porto seguro de sua vida profissional, conseguindo, a um só tempo, ser juiz, marido, pai, avô e amigo. É exemplo de Homem e de Juiz com a preocupação constante em levar sua fé no Cristo do Amor como tributo de uma vida linda de ser vivida”*.

Sofremos todos nós da Segunda Turma, com o seu longo martírio, sobretudo quando tomamos conhecimento da natureza da moléstia que viria a vitimá-lo. Não se tratava apenas de um colega, de um companheiro de trabalho, de um magistrado culto, corajoso, trabalhador, mas de um amigo muito querido por todos.

Diante de reconhecidos atributos, não é difícil compreender porque aquelas pessoas de Auriflora, seus antigos jurisdicionados, quase quarenta anos depois, referiam-se a ele, emocionadas, com tanta admiração e carinho.

FRANCIULLI NETTO, O JUIZ, O EXEMPLO

Há muitos e muitos anos, quando sequer recebera a dádiva de conhecer a figura notável de **Domingos Franciulli Netto** e logo depois de meu ingresso na magistratura paulista, ao perpassar olhos em texto de Calamandrei, recolhido por Edgard de Moura Bittencourt (1), vi-me sobressaltado por incerteza repentina, que chegava a colocar em xeque minha própria vocação, tanto quanto a validade de minha opção profissional.

Dava-se exigir do juiz, na exaltação da virtude da humildade, tamanha ponderação e firmeza tão inabalável, que não me apercebia de como poder alcançá-las.

Com efeito, advertia o mestre:

Difícil é para o juiz encontrar o justo ponto de equilíbrio entre o espírito de independência para com os outros e o espírito de humildade para consigo próprio: ser altivo sem chegar a ser orgulhoso; humilde sem ser servil; ter a firmeza de defender sua opinião contra a autoridade do poderoso ou contra a dialética insidiosa dos causídicos; ao mesmo tempo ter a consciência da falibilidade humana e estar sempre disposto a estimar a opinião alheia, até o ponto de reconhecer abertamente o próprio erro, sem cogitar de que o reconhecê-lo possa aparentar diminuição de seu prestígio. Para o juiz, a Verdade importa mais do que a prepotência de quem quer que seja, como importa mais do que seu amor-próprio.

Afinal, insurgia-me, de qual Olimpo se pensava haveremos descido à planície, todos nós, jovens juízes, no dealbar de suas incipientes carreiras?

Para que se nos cobrassem, desde logo, serenidade que não fosse indiferença, prudência que não fosse vacilação, sentimento que não fosse sentimentalismo, compreensão que não fosse complacência, retidão que não fosse intolerância, rigor que não fosse iniquidade, severidade que não fosse desamor, independência que não fosse orgulho, tal como rogara, de certa feita, em formosa prece, modelar magistrado bandeirante (2), na assunção de seu cargo...

Coletânea de Julgados e Momentos Jurídicos dos Magistrados no TFR e STJ

Houvesse eu, naquele momento de dúvida e, quiçá, de rebeldia, já me deparado com a pessoa admirável de **Domingos Franciulli Netto**, decerto que minha aflição e minha insegurança teriam sido mitigadas pela certeza de que o ideal a perseguir não era, em verdade, inatingível, na medida em que dele se aproximava, a ponto de tocá-lo, naturalmente, com intimidade até, nosso saudoso e inesquecível amigo, digo nosso porque de todos, até dos raros desafetos, pois em seu coração não havia lugar para ódios ou malquerenças.

Já saberia que a virtude repousa na simplicidade, despida de pompas e adereços, simplicidade que foi apanágio do juiz exemplar, do pai e esposo dedicado, do “amigo certo das horas incertas”, na palavra de Humberto Gomes de Barros, do cidadão-modelo, na exata acepção do termo e da idéia.

Por falar em simplicidade, ainda um dia desses, num dos poucos momentos com que me brindava, à leitura prazerosa, – fora dos autos, dos arestos e das doutrinas –, vi-me defronte à história de um caboclo, criação do talento de André Laurentino (3), em seu primeiro romance, “A Paixão de Amâncio Amaro”, personagem que se achava, de repente, desperto de seu sono pelo canto fantástico de um passarinho, tão mavioso e rebuscado que lhe parecia continuar a dormir e a sonhar...

Mas “não era sonho. Continuava ouvindo o chilreio, uma mistura do canto pernambucano vi-vi-te-téu com o vovó-yiviu das Alagoas”...

Ao sertanejo acudiu o desejo irrefreável de aprisionar o que ele pressentia ser um curió de fronteira. Mas como fazê-lo? Com que petrechos ou artimanhas?

Passou a dar tratos à bola, o pensamento fixo em arquitetar um plano perfeito para lhe satisfazer a vontade.

E assim quedou-se, a meditar circunspecto e determinado...

Pensou em muita coisa, teve várias idéias, cada qual tão rica e inusitada quanto a anterior, que gerava uma terceira bifurcada em mais duas e estas em outras e assim por diante até que se perdia no seu labirinto de tantas vertentes e não sabia mais por qual caminho havia trilhado, quais pensamentos o haviam levado a tais e tais raciocínios e, ao cabo de algumas horas, nem mesmo entendia o que ele próprio havia concebido de maneira tão lógica e encadeada. Foi o que sentiu quando terminou de pensar e viu que a conclusão a que chegara era que precisava de um ferrolho. No entanto, não fazia a mínima idéia do que faria com ele. Mas sabia, isso sim, que se tivesse um ferrolho à mão tudo estaria resolvido. Um dia, quem sabe, descobriria como. Por enquanto, desistiu.



Ministro Franciulli Netto

Quantos não se perdem em reflexões engenhosas, alguns na busca inglória da originalidade e do aplauso mais pronto, ficando-lhes nas mãos, inútil até que se lhes descubra serventia, em dia incerto e não sabido, nada mais que um ferrolho... Até que, antes da revelação, desistam como o caçador de passarinho, se lhes acudir a idéia singela do alçapão com alpiste ou do visco de jaca...

Decepcionados por lhes faltar a visão da singeleza das coisas e dos seres, inadvertidos de que a sabedoria é simples, o afeto também é simples, a bondade sobretudo é simples, a probidade decerto é simples, o entusiasmo pelo que se faz é simples da mesma forma, as virtudes, enfim, são essencialmente simples...

Não é de surpreender, pois, que **Franciulli Netto**, nosso amigo **Franciulli**, de quem sentimos tanta falta, simples como era e sempre foi, tenha absorvido virtudes a mancheias, com a simplicidade de agir e de ser, amalgamando e lapidando, em sua figura autêntica, a pedra rara, o juiz e o homem sábio, afetuoso, bom, probo e entusiasmado por tudo e por todos a que se dedicava, até o final de seus dias, mesmo sofrendo, silencioso na dor, humilde nas homenagens, trazendo porém consigo, inseparáveis, a fé na vida, o amor às pessoas e ao trabalho.

- (1) BITTENCOURT, Edgard de Moura. *O Juiz*. Campinas: Millennium. 2002.
- (2) PEREIRA FILHO, Pedro Barbosa. Discurso proferido ao instalar e assumir a Comarca de Barra Bonita-SP, 1964.
- (3) LAURENTINO, André. *A Paixão de Amâncio Amaro*. Rio de Janeiro: Agir. 2005.

Coletânea de Julgados e Momentos Jurídicos dos Magistrados no TFR e STJ

Desembargador Luiz Tâmbara Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo

Domingos Franciulli Netto e eu fizemos carreiras paralelas na Magistratura Paulista e chegamos praticamente juntos no Tribunal de Justiça nos idos de 1983. Integramos o Conselho Supervisor dos Juizados Especiais na mesma ocasião em que o compunham Waldemar Mariz de Oliveira Júnior, sem dúvida o maior entusiasta da idéia. Lembro-me do elogio feito pelo Desembargador Mariz de Oliveira a um texto redigido por **Franciulli Netto**, tanto pela beleza do estilo, simples e direto, quanto pela consistência dos argumentos expostos.

Franciulli e eu envelhecemos com a toga de magistrado sobre os nossos ombros, mas com destinos diversos, visto que seu anseio era integrar o Superior Tribunal de Justiça. Ele realizou seu ideal e nessa mais alta Corte de Justiça, todo o Brasil pôde testemunhar a grandeza de juiz que foi **Domingos Franciulli Netto**, exemplo de integridade moral e de fulgurante inteligência.

Todos nós que o admirávamos, lamentamos o imenso vazio que sua morte nos deixou. Que falta fazem ao Brasil homens da estirpe de **Domingos Franciulli Netto!**

Ministro Franciulli Netto

Dr. Ovídio Rocha Barros Sandoval Advogado

Conheci o saudoso e querido Ministro **Domingos Franciulli Netto** no ano de 1967. Passamos a ser amigos de coração, sendo esta realidade uma das maiores dádivas de Deus em minha existência. Escreveu a sua bela história de quarenta anos dedicados, de forma plena, a distribuir Justiça. Senhor de sua vocação, fez da Magistratura o porto seguro e ideal supremo de sua vida profissional, conseguindo, a um só tempo, ser Juiz, Marido, Pai e Amigo. Foi exemplo de Homem e de Juiz, com a preocupação constante em levar a sua Fé no Cristo de Amor, como tributo de uma vida linda de ser vivida.

Testemunhava, de forma perene, as diversas qualidades do verdadeiro Juiz: era independente e livre para formar a sua convicção sobre cada caso sujeito à sua jurisdição; possuía a coragem dos justos; devotava estudo constante para o seu aprimoramento na ciência do Direito; em nenhum momento deixou de exercitar o seu ideal de estudioso brilhante das instituições do Poder Judiciário e foi pioneiro em muitas contribuições para a realização desse ideal; nunca deixou de vivenciar que o Direito existe para o homem e não o homem para o Direito e, em sua missão de magistrado procurou, sempre, ter diante de si a grande lição do Cristianismo: o exemplo e o respeito de Cristo pela integridade da pessoa humana; tratava a todos que o procuravam – advogados, promotores e partes – com extrema cordialidade; nunca se enclausurou em sua toga, pois gostava de gente, gostava das pessoas.

Costumava dizer que “ser Juiz é o estado d’ alma do homem vocacionado”.

Muitas vezes lhe disse: “**Franciulli**, Você é uma pessoa preciosa”. Preciosa para um mundo tão carente de homens capazes de escrever a sua história, com tanta inteligência, cultura, dignidade, amor e beleza de alma.

Foi bom em tudo!

Meu querido e inesquecível Amigo, Você estava maduro para o Céu.

Até sempre, como Você dizia em suas cartas a mim dirigidas.

Coletânea de Julgados e Momentos Jurídicos dos Magistrados no TFR e STJ

Dr. Rui Celso Reali Fragoso
Advogado

Esta breve manifestação de que me incumbem é um privilégio:

Privilégio por ter sido incumbida ao advogado;

Privilégio de ter convivido com o Ministro **Franciulli Netto**;

Privilégio de ter conhecido um Juiz que não o era por profissão, mas por vocação;

Privilégio de ter conhecido um homem imbuído de paixão e de grande esperança que o embalava pela correta aplicação do Direito, sempre preocupado em ser instrumento em prol da Justiça.

Este foi o homem que conciliou, em sua essência, a magnitude do exercício da Magistratura; movido, com naturalidade, pela justiça, um homem capaz de compreender e superar as vicissitudes da vida.

Cultíssimo, embora não o ostentasse, sempre buscou nas suas decisões as raízes do direito e da justiça, sem que esta jamais fosse sobreposta àquela. Homem justo, na acepção completa do termo, em que o justo é o complemento para um homem pleno. Justo porque, interior ou exteriormente, jamais se deixou levar pelo orgulho ou pela vaidade, a todos tratando com a mesma e necessária justiça.

Assim, o Ministro **Franciulli Netto** marcou sua passagem nesta vida.

Felizes os que compartilharam seus passos.